

NA MIRA DAS ENCHENTES: MUNDO NATURAL E POBREZA SUBURBANA (PARNAÍBA-PI, ANOS 1970)

IN THE FLOOD ZONE: NATURAL WORLD AND SUBURBAN POVERTY (PARNAÍBA-PI, 1970's)

Pedro Vagner Silva OLIVEIRA *

Resumo: O presente trabalho visa compreender a natureza e suas ações no cotidiano urbano de Parnaíba, cidade do litoral do Piauí, nos anos 1970. Buscamos em meio às notícias dos periódicos locais o retrato das enchentes ocorridas no recorte em questão, bem como suas ações e problemas causados para os municípios. Com isso, fazem parte do nosso *corpus* documental três jornais que circulavam em Parnaíba naqueles anos, *Folha do Litoral*, *Norte do Piauí* e *Jornal Inovação*. Para além, foram utilizadas ainda o anuário *Almanaque da Parnaíba* e o livro de memórias *Cada rua, uma história*, do jornalista e escritor Caio Passos (1982).

Palavras-chave: Parnaíba; natureza; anos 1970.

Abstract: This paper aims to understand the nature and its actions in the urban daily life of Parnaíba, a seaside town in the state of Piauí, in the 1970's. We searched through news from the local periodicals the picture of floods that occurred in the chosen period, as well as its actions and the problems caused to the citizens. Thus, three newspapers that circulated in Parnaíba during those years, *Folha do Litoral*, *Norte do Piauí* and *Jornal Inovação* compose our documentary *corpus*. In addition, the annual *Almanaque da Parnaíba* and the memory book *Cada rua, uma história*, both written by the journalist and writer Caio Passos (1982), were also used.

Keywords: Parnaíba; nature; the 1970's.

Introdução

A cidade é pensada como lugar das expressões da cultura e de transformação da natureza pelos indivíduos. Para Sandra Jatahy Pesavento, “erigida pelo homem”, a cidade “é uma ação humana sobre a natureza” (PESAVENTO, 2007, p. 13). Segundo Raymond Williams, “à cidade associou-se a ideia de centro de realizações – de saber, comunicações, luz” (WILLIAMS, 1989, p.11), entendida como antítese do mundo natural, este relacionado, na maioria das vezes, ao campo. Nesse contraste, no entanto, há o esquecimento de que as cidades, ainda que produtos de ações humanas, são tributárias da natureza. Haja vista que “os jardins, os bulevares e sobretudo os rios continuam a interferir fortemente nos ambientes

* Mestre em História – Programa de Pós-graduação em História – Universidade Federal de São Paulo. Pesquisador independente. Email: pedro_w@rocketmail.com.

construídos das cidades, associadas às necessidades” (ARRAIS, 2014, p. 315) de seus moradores.

Mesmo nas cidades densamente povoadas e modificadas pela ação antrópica, a natureza está presente no cotidiano urbano. Regina Horta Duarte afirma que “os homens citadinos convivem com rios, com o lixo que produzem, com a fauna urbana e também com as árvores das praças, dos parques e das ruas pelas quais transitam cotidianamente” (DUARTE, 2007, p. 26). Nesse contexto, portanto, a relação dos citadinos com a natureza é distinta de lugares menos urbanizados, guardando especificidades próprias.

Partindo dessas considerações, buscamos, por meio das notícias sobre enchentes nos periódicos, compreender a natureza e suas ações no cotidiano urbano de Parnaíba, cidade do litoral do Piauí. A pobreza de certos contornos parnaibanos pouco são lembrados pela memória e pela escrita da história da cidade. Para Michel de Certeau, o historiador quando ressuscita o passado “quer restaurar um esquecimento e encontrar os homens através dos traços que eles deixaram” (CERTEAU, 2010, p. 46). A escrita da história quando cristaliza certos sujeitos e espaços, em processo de seleção, se esquece de outros, isto é inerente da própria historiografia, uma vez que ela “cria estes relatos do passado que são o equivalente dos cemitérios nas cidades; exorciza e reconhece uma presença da morte no meio dos vivos” (CERTEAU, 2010, p. 95). Partindo destas considerações, uma das preocupações do presente texto é situar e estudar os sujeitos pobres e os bairros urbanos marginalizados da chamada “Cidade Invicta”¹, documentando assim, outros grupos e lugares de Parnaíba. Com isso, fazem parte do nosso *corpus* documental os seguintes jornais: *Folha do Litoral*², *Norte do Piauí*³ e *Jornal Inovação*⁴ - todos circulados nos anos de 1970. Fizemos uso também do anuário *Almanaque da Parnaíba*⁵ e do livro de memórias *Cada rua, uma história*, do jornalista e escritor Caio Passos (1982).

O recorte temporal se justifica por dois motivos: o primeiro, os anos iniciais da década de 1970 são marcados pelo “milagre brasileiro”. Nesse período “o país, comparado a um imenso canteiro de obras foi tomado por incontida euforia desenvolvimentista” (REIS, 2000, p. 56). Na mesma corrente, o estado do Piauí também se modernizava. Embriagado pelo porvir, o *Folha do Litoral*, afirmava que assim “como o país marcha em ritmo de Brasil Grande, o Piauí, por força de sua vinculação aos demais Estados da Federação, não poderá ficar de fora do esquema de desenvolvimento traçado pelos órgãos do governo federal” (FOLHA DO LITORAL, 22/01/1970, p.1).

Para Jesus Elias Tajra e Jesus Taira Filho, as taxas de crescimento sentidas pelo estado nordestino se devem ao cenário político favorável daquele momento. “Os piauienses João Paulo dos Reis Veloso, como ministro do Planejamento dos governos Médici e Geisel e Petrônio Portella, como presidente do Congresso Nacional e depois Ministro da Justiça, em muito contribuíram para a remessa de recursos federais para importantes obras do Estado” (TAJRA; TAJRA FILHO. 1995, p. 148). Claudia Fontineles sustenta que “esses ares desenvolvimentistas, no entanto, atingiram e seduziram o Piauí da década de 70 e reverberaram nas décadas seguintes” (FONTINELES, 2009, p.111). Sua análise é confirmada quando lemos as fontes hemerográficas e percebemos que, mesmo após o fim do milagre em 1973, ainda pairava na imprensa parnaibana a imagem do “Piauí Novo”.

A chamada “indústria sem chaminés” é a segunda justificativa do nosso recorte. Nos anos 1970, Parnaíba recebeu o título de “sede do 3º Polo Turístico⁶ do Brasil” (JORNAL INOVAÇÃO, 01/1978, p.4). Segundo Karina Solha, o turismo neste decênio, “aparecia como atividade econômica do futuro, responsável pelo desenvolvimento do país” (SOLHA, 2002, p.134). Compreendido como um negócio promissor pela ditadura civil-militar, o turismo foi largamente utilizado com a finalidade de trazer capital para o nordeste brasileiro. No cenário piauiense, a atividade marcaria “o início de uma nova era: a do turismo” (FOLHA DO LITORAL, 05/03/1980, p. 6). A “cidade invicta”, assim, poderia retornar mais uma vez para seu lugar de destaque entre as cidades do estado, já que desde os anos 1950, devido a diminuição das exportações da carnaúba, era “progressiva a decadência de Parnaíba” (TAJRA; TAJRA FILHO, 1995, p. 146).

Utilizando a história ambiental, que conforme Donald Worster, “trata do papel e do lugar da natureza na vida humana” (WORSTER, 1991, p. 201), aqui se analisam, a partir das notícias dos referidos periódicos, as relações entre parnaibanos e a natureza de seu município. As “chuvas e enchentes definem traçados de cidades” (SEDREZ; MAIA, 2014, p. 115), modificando inclusive, o cotidiano dos moradores. Worster explicou que os fenômenos naturais escapam ao controle humano - como por exemplo, o ciclo hidrológico (a chuva faz parte deste ciclo) - e “interferem na vida humana, estimulando algumas reações, algumas defesas, algumas ambições” (WORSTER, 1991, p. 201).

Há uma diferença entre chuvas e enchentes. “Se as chuvas são parte do ciclo natural de águas, com maior ou menor precipitação, maior ou menor intensidade, as enchentes dizem respeito ao escoamento dessas chuvas” (SEDREZ; MAIA, 2014, p. 226). Ligada a diversos fatores, dentre eles, o poder de absorção do solo urbano, o qual, na maioria das grandes

idades, encontra-se “comprometido” pelo asfalto, praças ou demais construções e alterações no território ou solo original, fatores que comprometem a absorção das águas pluviais.

Cidade e enchentes

Em meio ao furor do “milagre econômico brasileiro”, 1970 foi cristalizado nas páginas dos periódicos pela estiagem no litoral piauiense. Parnaíba, principal município da região e localizado “à margem direita do Igaracu, um dos braços do sinuoso Parnaíba, em uma planície extensa e baixa” (IBGE, 1957, p.174) principiava o ano com as altas temperaturas e a população se direcionava às águas do Igaracu a fim de se refrescar. Numa edição de março de 1970, o jornal *Norte do Piauí* documentava ter “se verificado a grande afluência de banhistas no rio Igaracu, na avenida Nações Unidas, fato que também vem se registrando em todos os clubes, onde as piscinas ficam lotadas” (NORTE DO PIAUÍ, 24/03/1970, p.4).

O norte do Piauí possui o clima “quente e úmido (AW), com chuvas de novembro a maio e temperaturas mais elevadas de agosto a setembro” (ALMANAQUE DA PARNAÍBA, 1975, p. 43), apresentando “aspectos bem sensíveis de transição, revelando-se úmido ou semiúmido no litoral e à margem do Parnaíba (750 a 1.400 mm de chuvas)” (ALMANAQUE DA PARNAÍBA, 1975, p. 43). Quando começava o período chuvoso, editores e jornalistas bradavam os primeiros pingos com textos festivos e esperançosos: “embora conhecida na prática de muitos séculos como simples fenômeno atmosférico, a chuva sempre exerceu influência profunda na mente do homem do Nordeste” (FOLHA DO LITORAL, 22/01/1970, p.1). Observa-se a importância das chuvas na vida nordestina. Nesse período do ano, nota-se que a maior parte dos artigos que versavam sobre a zona periférica eram bem mais numerosos que em outras épocas do ano, sendo retratada também a pobreza dos moradores desses espaços

A periferia era chamada pelos periódicos de “subúrbios”, nomenclatura usada pela intendência e presente desde o Código de Postura Municipal de 1899, era usada também pelos munícipes. Categoria atualizada ao longo dos anos, novos bairros eram acrescentados aos entendidos como subúrbios cada vez que a cidade se expandia. Na segunda metade do século XX, na gestão do prefeito Lauro Correia, foi promulgado por meio da lei nº 270 de 19 de outubro de 1963, o “Código de Posturas do Município da Parnaíba”, documento que normatizou o espaço urbano nos anos seguintes.

Entre cláusulas e regras, o referido documento conceituava brevemente que os

terrenos suburbanos eram aqueles que “excedendo os limites da primeira [terrenos centrais], sejam, entretanto, continuação das ruas e praças da cidade” (CÓDIGO DE POSTURAS, 1963, p. 8). Segundo os jornais, no período em questão, eram subúrbios: Boa Esperança, Catanduvas, Campos, Coroa (Bairro do Carmo), Nova Parnaíba, Pindorama, Quarenta, Santa Luzia e Tucuns (São José).

As enchentes davam-se sobretudo em áreas próximas ao rio Igarapu. Contudo, não se limitavam a estas imediações. Ocupados por casas de palha, era “raro o subúrbio onde muitas delas não foram ao chão destruídas pela invernada” (NORTE DO PIAUÍ, 06/04/1977, p. 4). Em várias edições os jornais afirmavam que o Tucuns, a Coroa, a Quarenta e o Canta Galo – todos bairros ribeirinhos, exceto Quarenta – eram os lugares frequentemente prejudicados durante a estação chuvosa.

Como geralmente acontece em Parnaíba, quando o inverno aperta um pouco, as partes mais baixas da cidade – os bairros: Do Carmo e São José, os quais embora com algumas ruas calçadas, ficam submersos em sua grande parte. [...] O problema desses bairros é muito fácil de compreender: sendo eles, em sua maior parte, mais baixos do que nível do rio cheio, ficam sujeitos à invasão das águas não somente das pluviais que neles se acumulam, por falta de vazão, provocada pela ausência de gravidade física, como quando as águas do rio se igualam aos níveis deles (NORTE DO PIAUÍ, 15/03/1973, p.1).

A baixa topografia era, segundo o editorial, responsável pelas enchentes acontecidas nesses recantos da cidade. O jornalista e memorialista Caio Passos,⁷ ao empreender um livro que contasse as histórias dos bairros de Parnaíba, afirmou que a Coroa, atual Bairro do Carmo, era cercada pelo norte e oeste pelas águas do Igarapu e “que se dobra em imenso caracol’, em busca do Atlântico” (PASSOS, 1982, p. 26). A antiga Coroa era moradia de trabalhadores das indústrias Moraes S/A e M.M. Gonçalves dentre outros.

Tucuns – hoje São José – também foi povoado às margens do Igarapu. Ainda segundo Passos, a população desse bairro começou construindo “as suas casas de barro batido, cobertas das palhas dessas palmeiras [tucuns] balouçantes ao vento” (PASSOS, 1982, p. 44). Percebe-se deste modo, que os moradores destes lugares eram tributários da corrente fluvial e construíram, ao longo dos anos, seus modos de vida a partir das águas barrentas do Igarapu. Nestas mesmas águas, homens pescavam usando linhas, anzol e redes de pescaria, tais como as tarrafas; as mulheres lavavam roupa para fora no intento de obter algum lucro. De acordo com Fábio Mascarenhas, “apesar de não estarem situados no centro da sociedade, esses grupos marginalizados continuam a desempenhar suas funções no processo social”

(MASCARENHAS, 2009, p.37) de Parnaíba. Tais grupos, constituía-se inclusive, segundo este historiador, em uma das principais pautas dos jornalistas do *Jornal Inovação*.

Os periódicos locais notavam certo perigo em morar próximo ao rio, principalmente quando o inverno se aproximava. Após as torrentes, podia-se ver nestes bairros “a sujeira, a imundice, [e] o lamaçal” (JORNAL INOVAÇÃO, 03/1978, p. 9). As chuvas em excesso atingiam possivelmente todo o município, os jornais, todavia, retratavam que os prejudicados eram apenas os subúrbios, especialmente os bairros mais baixos e/ou os próximos ao rio Igarapu. Documentos do começo do século passado já atestavam as enchentes do Igarapu e os problemas causados à população ribeirinha. O anuário *Almanaque da Parnaíba* de 1927 trazia um artigo sobre as ações das águas em bairros contíguos a ele, “e então é o que vemos em cada subúrbio, as pontes se estenderem e os botes navegarem nos canais quietos, como as embarcações famosas da formosíssima cidade dos Doges” (ALMANAQUE DA PARNAÍBA, 1927, p.8).

Nesse trecho, o anuário comparava as ruas suburbanas à Veneza. As artérias se transformavam em canais e os moradores utilizavam-se de canoas ou botes como meios de transporte. Esse retrato, entretanto, é um tanto elitista e não procedia. Encontramos notícias de que o centro em algumas enchentes ocorridas nos anos 1970, também foi consumido pelas águas. Por qual razão os periódicos selecionavam somente os problemas das enchentes nos subúrbios se o centro em outros tempos sofreu – e sofria – das mesmas dificuldades? Os territórios de uma cidade, como afirmou Maria Stela Bresciane, “são menos espaciais e mais subjetivos” (BRESCIANE, 1991, p. 13). A partir de uma relação dialética, as áreas mais nobres de uma cidade se instauram na materialidade e no imaginário urbano como lugares da civilidade, possuindo uma aura de “cidade ideal” e se sobrepondo a outros espaços. Para que isso tenha efeito, os lugares marginalizados e pobres são necessários no processo da edificação da imagem e identidade do lugar ideal.

Utilizando-nos deste raciocínio para estudar Parnaíba, compreendemos a partir das fontes hemerográficas que foi na imagem do outro, na ação de sublinhar a pobreza de certos espaços, que os periódicos parnaibanos demarcaram os subúrbios nos anos aqui estudados. Isso se deve porque os territórios citadinos “operam no modo do espelho invertido” (BRESCIANE, 1991, p. 13). O reflexo não é igual ao objeto refletido e a imagem é relacionalmente oposta. Para que se possa existir áreas nobres, é necessário a existência de redutos de penúria. Os jornais apresentavam o centro como espaço nobre, enquanto que os subúrbios eram locais de desorganização.

Quando as chuvas precipitavam em excesso, o rio Igaracu, limite para os bairros Tucuns, Coroa, Quarenta e Canta Galo, aumentava seu leito. Ganhando maior volume e vindo a transbordar, “as águas barrentas do rio Parnaíba” iam “afligindo toda a população pobre” (FOLHA DO LITORAL, 03/03/1973, p. 4) desses lugares. No inverno de 1973, o cronista R. Ferraz Filho⁸ escreveu para o jornal *Folha do Litoral* que as chuvas em Parnaíba tinham “deixando muitas de suas ruas cheias d’água e os seus subúrbios inundados, prejudicando por este motivo o trânsito em muitos deles” (FOLHA DO LITORAL, 28/03/1973, p. 4). As enchentes atrapalhavam o funcionamento e a circulação de automóveis e de pessoas em algumas artérias suburbanas de Parnaíba.

Os periódicos atestavam os benefícios trazidos pelas chuvas nas áreas rurais do município: “em vários pontos do nosso município as terras estão preparadas, aguardando apenas a primeira chuva para ser levado a efeito o salutar trabalho do plantio” (NORTE DO PIAUÍ, 25/01/1977, p.1). No campo, as águas pluviais molhavam as roças e traziam renovação ao rio e ao mar. Se por um lado os periódicos clamavam a chegada das chuvas para as áreas rurais e qualificavam-na como providencia divina, por outro, na zona urbana, ela causava transtornos, no geral, “as chuvas nos ambientes urbanos trazem problemas específicos” (ALMEIDA, 2014, p. 121). No caso de Parnaíba, os infortúnios iam desde “piscinas urbanas” que se formavam pela cidade, inclusive no próprio centro, “em plena praça da Graça” (NORTE DO PIAUÍ, 31/12/1976, p. 4), até a proliferação de insetos e epidemias que assolavam os habitantes.

As enchentes não traziam somente água para as vias públicas, mas também materiais orgânicos. Com elas, “enormes quantidades de areia e outros detritos têm se acumulado em nossas ruas” (FOLHA DO LITORAL, 02/05/1973, p. 5). Quando a água baixava, as artérias urbanas viravam lamaçais, prejudicando a mobilidade de pedestres e automóveis, imagem que certamente não combinava em nada com a Parnaíba aristocrática, símbolo de orgulho para seus habitantes.

Sobre essa imagem, vejamos a opinião de Ferraz Filho. Mesmo que Parnaíba fosse chamada de “cidade invicta”, ela ainda em 1973, sentia a “imperiosa falta de uma completa instalação sanitária” (FOLHA DO LITORAL, 02/05/1973, p. 5). O título ostentado, era questionado pelo cronista devido a situação que a cidade passava nos períodos chuvosos e também pela insalubridade. As águas das chuvas misturadas às do rio Igaracu invadiam alguns dos bairros suburbanos. A pobreza dos moradores podia ser vista a partir de suas moradias. As simples “casas de taipa cobertas de palha de carnaúba” (FOLHA DO

LITORAL, 03/05/1973, p. 4) não ofereciam abrigo seguro aos donos durante as tormentas e enchentes, desmoronando.

O desespero nos subúrbios ribeirinhos começava quando os moradores aflitos, viam “a água no batente da porta” (NORTE DO PIAUÍ, 04/04/1974, p. 1). Receosos, muitos abandonavam as habitações levando consigo o pouco dos seus pertences. Esses indivíduos se refugiavam na casa de algum parente – caso possuíssem – que morava em áreas mais altas da cidade. Caso não tivessem tanta sorte, os “alagados” poderiam ser alojados “em grupos escolares e outros abrigos postos à disposição de Ajuda às Vítimas das Inundações” (NORTE DO PIAUÍ, 02/04/1974, p.1).

Embora possa ver a ação das autoridades públicas, nem sempre ela era ágil ou sequer dava amparo aos desabrigados. Acerca disso, Sedrez e Maia, afirmam que no Rio de Janeiro, quando ocorriam estes tristes momentos “a opinião pública se mobiliza, seja para criar redes de solidariedade, seja para demandar soluções do poder público ao momento crítico” (SEDREZ e MAIA, 2014, p. 185). Em Parnaíba, para não ficar somente dependendo do poder público e a fim de fazer com a sociedade se solidarizasse com os atingidos pelas enchentes, os periódicos lançavam aos seus leitores o retrato de um subúrbio sofrido e que precisava de ajuda.

A maneira como os periódicos mostravam as penas destes bairros parnaibanos é bastante ambígua. Além de informar sobre as enchentes e seus problemas, fazendo deles verdadeiros espetáculos para os leitores, os jornais em certos artigos, após avisarem sobre a situação das vítimas, mobilizavam a sociedade parnaibana: “nossos irmãos alagados estão a carecer assaz de nossa ajuda, de nossa solidariedade” (NORTE DO PIAUÍ, 02/04/1974, p.1). A fim de amparar os conterrâneos, os periódicos pediam remédios, roupas e alimentos aos desabrigados.

Os moradores dos subúrbios de Parnaíba, infortunados pelas enchentes, contavam com a solidariedade ou então com a providência divina, esta clamada pelos desabrigados, pelas suas famílias e conhecidos e até mesmo pelos próprios jornais. Em outras notícias, a imprensa criticava a falta de preparo e de ação da governança. Dentre estas, é pertinente a nota de 24 de abril de 1973 do *Folha do Litoral*, a qual os leitores podiam ler:

O inverno intenso deste ano voltou a provocar inundações dos bairros mais baixos da cidade, o que ocorria desde algum tempo. Mas é preciso reconhecer-se que a falta de providência adequada no momento em que começaram a crescer as águas são a causa primordial do flagelo que agora se alastra entre as populações pobres de Parnaíba (FOLHA DO LITORAL).

25/04/1973, p.1).

Os bairros citados no texto transcrito anteriormente, eram Coroa e Quarenta. Na mesma edição, em sua crônica social, Ferraz Filho escreveu: “continua crescendo de volume as águas do rio Igarçu, que atingiram fortemente grande parte dos subúrbios de nossa cidade” (FOLHA DO LITORAL, 25/04/1973, p. 5). Sempre que chegava o ano novo, e com ele, poucos meses depois, o cair das primeiras gotas dos céus, os periódicos já previam em suas páginas o espetáculo social que estaria por vir. Em primeira página, um artigo do *Norte do Piauí* de 1977 alertava, “Parnaíba, infelizmente, está na rota de uma nova e imprevisível enchente que, mais uma vez inundará seus bairros pobres, destruirá os casebres da pobreza, semeará a doença, a morte e a destruição” (NORTE DO PIAUÍ, 14/04/1977, p. 1).

Com o novo inverno, as enchentes trariam velhos problemas aos moradores suburbanos. A estação chuvosa seria uma vez mais preocupação da população pobre de Parnaíba e pauta nos jornais locais. Todavia, as fortes precipitações de 1974 não foram exclusividade no Piauí. Elias Mateus ao estudar a enchente de Tubarão-SC naquele ano, afirmou que “as chuvas torrenciais assolavam diversas regiões do país. Portanto, não se tratou de um fenômeno climático que acometeu uma região em particular, tampouco áreas contíguas” (MATEUS, 2016, p.127).

Em Parnaíba, os aguaceiros transformaram os subúrbios e seus moradores novamente em notícias. O *Norte do Piauí* relatava nas suas crônicas e artigos que alguns moradores de Parnaíba se encontravam desabrigados por causa das enchentes. O jornalista R. Fonseca Mendes⁹ reportava preocupado: “a cidade encontra-se em verdadeiro estado de calamidade pública, com seus mais populosos subúrbios inteiramente mergulhados em água, numa enchente que aumenta todo dia” (NORTE DO PIAUÍ, 28/03/1974, p. 4).

Pouco menos de um mês após o artigo de Fonseca Mendes, o subúrbio reapareceu na primeira página do *Norte do Piauí*. O artigo com título *O flagelo*, trazia aos seus leitores a situação de algumas imediações de Parnaíba: os “subúrbios da cidade estão sob o domínio do flagelo da inundação, que está causando a completa desorganização dos lares pobres e humildes” (NORTE DO PIAUÍ, 06/04/1974, p.1). A saúde pública nestas áreas urbanas era o tema principal de vários artigos sobre as enchentes. As águas, quando tomavam conta dos subúrbios ou mesmo de outros espaços de Parnaíba, não recebiam cuidados, baixando “por si mesmas” (FOLHA DO LITORAL, 25/04/1973, p.1). Era preocupação da imprensa não só as enchentes, mas também as doenças que as águas poderiam causar para a população.

Uma nota nos oferece uma ideia deste tema. Para o autor do texto vem a pergunta: “e as doenças que decorrerão disso?” (NORTE DO PIAUÍ, 30/05/1974, p. 2). Além da crítica que denota um problema urbanístico, o jornal ainda chama atenção para o grupo populacional que mais era atingido pelas doenças trazidas com as enxurradas, os pobres. As enchentes causavam a proliferação de doenças: “febres palutares – endêmicas na região – recrudescem em formas violentas, assim como as gastroenterites, as febres tifoides e um funesto cortejo de doenças e mazelas” (FOLHA DO LITORAL, 03/10/1973, p. 4). Como se não bastasse a pobreza da vida material e perder os seus poucos bens para as enxurradas, os pobres tinham sua saúde à mercê das enchentes.

Após destruir casas de taipas, transformar ruas em canais (ou mesmo em rios) e avariar bens, as enchentes traziam consigo, uma série de moléstias. Crianças e idosos, população mais vulnerável pela idade, deveriam ser as principais vítimas dos males. Sobre esta primeira faixa etária, em uma notícia saída na primeira página, o *Norte do Piauí* afirmou que os moradores dos subúrbios viam “os filhinhos morrerem de febre, de tifo, de crupe, de inanição e até mesmo afogados” (NORTE DO PIAUÍ, 14/04/1977, p. 1).

Ainda havia infortúnios menores, mas que amolavam a população: “muriçocas tomaram de assalto a cidade, pois em qualquer bairro em que se estiver, a queixa contra esses pernilongos indesejáveis é geral” (FOLHA DO LITORAL, 09/05/1973, p. 6). O jornal não explicava aos seus leitores, mas os insetos tinham a ver com as águas das chuvas que se acumulavam pelas várias vias da cidade e que não receberam a devida atenção. Passada as fortes chuvas e enchentes, os problemas não se encerravam com ela. A “onda” de pernilongos, ou de *muriçocas* como são popularmente chamados no norte do Piauí, e de moscas era o resultado não somente das enchentes, mas da falta de atenção da intendência para com as questões por elas trazidas e pela falta de limpeza pública. Segundo o *Folha do Litoral*, outro problema além do “suplício da muriçoca, é a vinda de moscas que invadem a cidade inteira” (FOLHA DO LITORAL, 07/01/1973, p. 6).

Propagadores de doenças como “a ceção [e] o impaludismo” (FOLHA DO LITORAL, 03/10/1973, p. 4), estes insetos traziam incômodos, oferecendo riscos à saúde dos munícipes e criavam pautas nas folhas dos periódicos. A fim de que não houvesse os “criadores de insetos” e/ou proliferação de enfermidades, o *Folha do Litoral* defendia ser mister “o saneamento básico, cuja função principal é a manutenção da limpeza de uma cidade, é uma ação preventiva contra uma série de doenças” (FOLHA DO LITORAL, 22/05/1977, p.1).

Se a questão da saúde pública era necessária, a questão urbana era imperiosa, pois “Parnaíba é hoje, uma cidade ligada ao desenvolvimento turístico do Piauí. É a cidade ‘mater’ da campanha que se desenvolve atualmente no Estado, para o desenvolvimento da indústria turística” (FOLHA DO LITORAL, 29/09/1976, p.2). Como pode-se ver, os problemas trazidos pelas enchentes, sejam eles de ordem sanitária ou urbanística, certamente não combinava com a cidade que visava se tornar um polo turístico no Piauí. Criticando as adversidades provocadas anualmente pelas enchentes, o artigo “Cartão Postal”, publicado no *Jornal Inovação* destinava uma séria mensagem aos leitores de outras praças bem como potenciais visitantes que teriam o interesse de conhecer a “Princesa do Igaracu”¹⁰. “Agradeça a Deus vir à Parnaíba durante o mês de julho. Jamais tenha a pretensão de vir aqui, nos visitar, durante o inverno. Durante esse período, deixe-nos à sós tratando e enfrentando nosso lamaçal” (JORNAL INOVAÇÃO, 07/1978, p.5).

A ineficiência ou mesmo ausência da prefeitura era uma constante no inverno, mostrando, assim, a incapacidade do executivo municipal, que recebia críticas dos periódicos. Ao que parece, os habitantes dos subúrbios nas primeiras chuvas já tratavam de tomar medidas para se proteger contra futuros problemas. O *Folha do Litoral* afirmava ter visto “senhoras de vassouras em punho promovendo a limpeza das frentes de suas residências, principalmente nas sarjetas, para que o capim em grande altura e muito viçoso, não interrompa o escoamento das águas, formando lagoas e charcos” (FOLHA DO LITORAL, 02/05/1973, p. 5).

Após o final da estação chuvosa, os subúrbios pouco a pouco entram em estágio de silêncio nos periódicos. Vez ou outra, esses lugares eram lembrados nos jornais. Dentre os poucos artigos sobre as áreas suburbanas no momento pós-enchente, o *Folha do Litoral* trazia à tona um problema urbano que tinha ligação com as chuvas em excesso: a lagoa da vala da Quarenta.

Em uma interessante descrição, o texto impresso na quarta página do citado jornal, na edição de outubro de 1973, fazia o panorama do que as enchentes acarretavam não apenas para a Quarenta, mas também aos demais subúrbios. Em um retrato classista e sem autoria, o texto descreveu o que a população suburbana fazia quando o Igaracu, devido às chuvas, transbordava e invadia os bairros mais próximos a ele:

Nas ruas alagadas, durante os meses da estação chuvosa, brincam crianças de barriginha entumecidas pela verminose juntos aos animais domésticos – porcos e galinhas – que a gente pobre é obrigada a criar para

complementação de seus parques salários. Cães vadios, as vezes hidrófobos, ao lado de muares, bovinos e cavalares perambulam, à solta. É a promiscuidade completa (FOLHA DO LITORAL, 03/10/1973, p. 4).

O olhar elitista do jornal pode ser enumerado e constatado em várias passagens do breve texto, dentre eles, chamamos atenção para a censura das “diversões” dos meninos e meninas que brincavam nas ruas tomadas pelas águas ou em lagoas que se formavam no interior dos subúrbios. A visão classista recai sobre os corpos dessas crianças. Esse retrato não se dissipou ao longo dos anos estudados. Quase cinco anos depois dessa matéria, ao levar a público que, muito em breve, os monitores do Programa de Educação Comunitária iriam atuar na comunidade parnaibana, o mini editorial do também *Folha do Litoral* frisava que “este trabalho só trará benefícios ao nosso povo, principalmente aos moradores da zona suburbana, onde existem as maiores carências de higienização, decorrente do próprio padrão de vida que cada um leva” (FOLHA DO LITORAL, 12/04/1978, p.1). Sujos, doentes e “promíscuos”, os subúrbios na imprensa da época contrapunham-se ao centro e aos seus habitantes.

Se no centro, o espaço era da ordem, da elite de Parnaíba, nos subúrbios imperava a desordem, a sujeira e a pobreza. O Catandubas, (atual São Judas Tadeu) retratado no jornal *Norte do Piauí* como “um conglomerado de casas esparsas de caminhos sinuosos que não podem ser chamados de ruas, parecendo mais uma fazenda de muitos moradores do que mesmo um bairro residencial” (NORTE DO PIAUÍ, 18/02/1977, p. 4), ilustra o oposto do que era considerado como ideal. Os traçados confusos das artérias suburbanas, os casebres, a forte presença da natureza, a população pobre, os modos de vida simples e as calamidades naturais que se davam em períodos chuvosos, acentuavam a imagem de “o outro”, ou de “os outros” dos bairros exteriores ao centro. É interessante notar que estes locais eram mais recorrentes nos jornais da cidade num certo período do ano: no inverno. As chuvas acompanhadas das enchentes serviam para assinalar, tanto no cotidiano urbano quanto nas páginas dos jornais, as precárias condições de moradia dos pobres urbanos. Por outro lado, ela aponta as práticas dos moradores mais simples da “Princesa do Igarauçu”.

O jornalista De Paula, para o *Jornal Inovação* em uma série intitulada “Cartas à Simplício Dias da Silva” discorria sobre os problemas urbanos que estavam acontecendo na cidade. Dias da Silva é um dos fundadores de Parnaíba, morto no século XIX. O cronista então, escreveu missivas ao fidalgo, chamando sua atenção principalmente para o caso das enchentes:

É janeiro – Logo chegará fevereiro. As águas que caem aqui e ao longo do Velho Monge, descerão revoltas, correndo soltas, provocando danos e desabrigos às populações ribeirinhas. Mas tem carnaval, álcool e fantasia, que em três dias afogarão os nossos problemas e mágoas ali mesmo no cais de águas barrentas da velha Coroa (JORNAL INOVAÇÃO, 31/01/1979, p.17).

O escrevente chama atenção que o triste espetáculo urbano seria silenciado pela folia do carnaval. Sua crítica aponta para a invisibilidade que o poder municipal legaria aos moradores suburbanos. Em outro artigo, igualmente dramático, os habitantes dos subúrbios atingidos pelas enchentes continuaram sendo retratados como pobres, porém, agora eram descritos como importantes trabalhadores para a cidade. Em defesa desses sujeitos e pedindo ações mais enérgicas sobre as enchentes que atingiam os subúrbios, R. Fonseca Mendes dois anos antes escreveu, “é necessário, é indispensável, é imprescindível, que medidas definitivas e radicais sejam tomadas, de uma vez por todas, não para conter somente, mas para eliminar permanentemente esse triste drama” (NORTE DO PIAUÍ, 15/04/1977, p. 4).

Apesar do retrato preconceituoso apontar os subúrbios como lugares desarticulados e atingidos pelas enchentes, não eram os únicos prejudicados. Observamos que o próprio centro ou outros lugares mais elitizados também eram atingidos por tais problemas, servindo assim para desestabilizar a fronteira imaginária e mesmo física entre ricos e pobres de Parnaíba. As fortes chuvas de 1974 atingiram não somente os bairros próximos ao rio Igarauçu; outros mais distantes também foram prejudicados. Impressionados, os escritores do *Norte do Piauí* escreveram: “conosco [em Parnaíba], tem acontecido mais ainda um fato imprevisível: zonas secas, como os Campos, Nova Parnaíba, etc., onde o rio não chega, têm sido atingidas” (NORTE DO PIAUÍ, 06/04/1974, p.1).

A fim de compreender a sensação que o leitor poderia ter tido ao ler essa notícia, se faz mister abrir um parêntese para apresentar tal bairro. O Nova Parnaíba foi construído em área de maior altitude, se comparado aos mencionados anteriormente. Em tese, imune aos problemas das enchentes. Os lugares mais atingidos nesse arrabalde eram as moradias de pessoas simples, feitas de materiais mais frágeis. Por causa das torrentes em excesso, comenta o artigo, houve “desabamentos de casas humildes, de taipa e cobertas de palhas, deixando centenas de famílias desabrigadas” (NORTE DO PIAUÍ, 06/04/1974, p.1). O que chama atenção é que este bairro era ocupado não somente por pessoas mais humildes. Planejado e seguindo os moldes franceses, o Nova Parnaíba, como foi descrito por Caio Passos, era “uma das zonas preferidas da cidade pela sua altitude, pelo seu clima e pelas suas

ruas e avenidas largas, arborizadas e bem delineadas” (PASSOS, 1982, p. 40). Diferente dos demais, o Nova Parnaíba era um bairro elitizado; entretanto, inicialmente “habitado pelas pessoas de classe menos favorecida” (NUNES, 2006, p. 349). O que era chamado de Caatinga de Cima, recebeu do intendente municipal, o coronel Constantino Correia nos anos 1910, o atual nome (Nova Parnaíba). Sob esta administração, “iniciou-se o primeiro plano de urbanização local, tendo sido feito o levantamento da Planta da chamada Cidade Nova ou Nova Parnaíba” (MELO, 2011, p. 50).

Apesar das propostas de urbanização do bairro e de seu ordenamento que iam desde os quarteirões retangulares até a regulamentação dos prédios, Neuza Melo data que essas sugestões foram efetivadas somente cerca de 20 anos depois, “em 1932, sob a administração do prefeito Ademar Neves” (MELO, 2011, p. 50). Nessa gestão o Nova Parnaíba foi “invadido pela modernização, com palacetes, bangalôs e residências com amplos terraços e jardins floridos; com rosas coloridas que bailavam perfumando e mesclando o espaço, além de plantas ornamentais, migradas de outras cidades ou regiões” (NUNES, 2006, p. 349). A ordem de suas ruas, seu traçado sistemático, as flores e vegetais que adornavam e enfeitavam casas, ruas e praças, contrastava com a ocupação desordenada dos demais bairros suburbanos e sua natureza. As antigas “famílias foram empurradas para locais como ‘Bebedouro’ e ‘Curro’, terrenos periféricos” (NUNES, 2006, p. 349).

Em espaços elitizados como o Nova Parnaíba e o centro, a natureza estava domada, servindo como adereço das construções humanas e embelezava os logradouros. No contexto urbano, “a natureza é ali tão explicitamente construída pela ação humana quanto necessária à constituição de um espaço em que seja possível viver” (DUARTE, 2007, p. 41). Dominada, a natureza nestes arrabaldes atestava a vitória da cultura sobre o mundo natural. Conforme Worster, “o ambiente construído expressa a cultura” (WORSTER, 1991, p. 201). Relação bastante diferente daquela entre indivíduos dos subúrbios, espaços em que a natureza rebelde, de tempos em tempos se insurgia contra os que dela faziam uso.

Retornando para nossa discussão, o susto trazido pela notícia no *Norte do Piauí* se dava em razão de que a enchente seria um problema que acometia somente os subúrbios pobres e/ou próximos ao rio. Assim, a nota que o periódico fez, sugere que, para não tingir a imagem do primeiro bairro projetado da cidade – herança do prefeito Ademar Gonçalves Neves, conhecido como “o remodelador” –, as chuvas destruíram somente as moradias dos habitantes pobres do Nova Parnaíba, deixando “intactas” as dos ricos.

Para os jornais, as enchentes não era problema dos abastados, suas casas construídas com materiais mais sólidos, não desabavam. Desta feita, as enchentes e seus malefícios só se abatiam sobre a pobreza urbana. Ironicamente, a natureza “resolveu” surpreender uma vez mais Parnaíba e seus moradores, solapando novamente as fronteiras entre a cidade ideal e os subúrbios. Se já foi imprevisível a enchente de 1974 ter invadido zonas mais altas, sua “audácia” não pararia por aí.

Em novo artigo publicado, mais uma vez na primeira página, o *Norte do Piauí* noticiava que as chuvas que estavam caindo sobre Parnaíba naquele ano, invadiam outros pontos da cidade. Com horror, o periódico noticiava que as águas estavam “mergulhando tudo e se assenhorando de pontos vitais da cidade. Nos becos que demandam da rua 7 de Janeiro, rumo a Praça da Graça, a água se encontra há apenas um quarteirão da mencionada praça, o que representa um grave perigo” (NORTE DO PIAUÍ, 27/04/1974, p. 1). Não somente os subúrbios, recintos de pobreza da cidade eram os atingidos pelas inundações. Como pode-se aferir, o coração de Parnaíba encontrava-se com graves problemas.

As casas comerciais e industriais, por seu turno, além das residências de algumas famílias aristocráticas, devido às inundações, sofreram sérios prejuízos materiais e financeiros. Lugar de intensa atividade humana, o centro parnaibano, uma vez imergido, teria sua economia esfriada. Lojas fechariam para reparos e reformas dos prédios, materiais vendidos nesses lugares teriam de ser repostos, caso avariados pela água. Além do comércio, as indústrias ali situadas passariam por problemas semelhantes. Haveria ainda o impedimento do movimento de pessoas em determinados locais devido as cheias, provocando lesão na economia.

Por outro lado, observa-se a equiparação entre os lugares. No imaginário urbano, eram os subúrbios os locais acometidos pelas mazelas sociais e naturais. A desordem e as doenças eram características destes espaços, não do centro. No artigo do *Norte do Piauí*, o escritor aborda que caso as enchentes invadissem a Praça da Graça “quererá dizer que a zona urbana e central será submetida ao processo de submersão que afoga todo o subúrbio” (NORTE DO PIAUÍ, 27/04/1974, p. 1). O centro, devido aos problemas trazidos pela enchente, estaria desse modo, se equiparando àqueles lugares até então opostos e negados.

A praça da Graça, localizado no centro, segundo Ísis Rodrigues, “deu início à vida urbana de Parnaíba” (RODRIGUES, 2014, p. 23). A cheia de 1974 atingia este que era o espaço de moradia da elite política e econômica da cidade e um dos “principais locais de encontro da sociedade parnaibana, como é o caso das Igrejas Nossa Senhoras da Graça e do

Rosário, dos cinemas, Fábricas Moraes, Portos das Barcas. Quase toda movimentação da cidade girava em torno desta praça” (MENDES, 2012, p. 95). Tendo em vista que

As enchentes, ao deslocarem populações, forçarem a adoção de certas políticas públicas, redesenharem a agenda urbana, os temas de debates em jornais, dão forma à paisagem urbana construindo uma *natureza urbana*, e assim questionam a separação tradicional de mundo natural e mundo humano (SEDREZ; MAIA, 2014, 185).

Uma vez o referido logradouro estar submerso, significaria uma mácula para a cidade ideal. O que o jornal não lembrava seus leitores era que a referida Praça da Graça foi construída em cima da Lagoa da Onça, o que outrora foi um “pântano formado pela proximidade com o Rio Igarapé” (RODRIGUES, 2014, p. 50), tendo sido aterrado em 1918, obra de Nestor Veras, intendente municipal, portanto, num terreno propício ao alagamento. Os limites imaginários dos espaços urbanos foram parcialmente “quebrados” com as cheias de 1974. Ora, a natureza indomável não ficou presente somente nos subúrbios. As inundações mostraram que elas poderiam se assenhorar não só dos espaços pobres e desorganizados, como Coroa, Tucuns e Quarenta, mas também comprometer a cidade idealizada, pondo em cheque a diferenciação entre subúrbio/centro, pobres/elite e natureza/cultura.

Observa-se o problema da oposição entre natureza e civilidade em uma nota de autoria de Sherlock e publicado no *Norte do Piauí* de 1978. Para ele, “se há alguma coisa que se pode chamar de ‘vergonhas urbanas’ em pleno centro da cidade, são as ruas Pires Ferreira [...] e a Riachuelo em quase toda sua extensão porque é absolutamente impossível transitar ali em pé enxuto” (NORTE DO PIAUÍ, 28/04/1978, p.4). Embora diga ser “vergonha urbana” um trecho do centro da cidade estar submerso, ao lermos fontes mais pretéritas, temos indícios que nada tinha de anormal esta região ser invadida pelas águas.

A edição de 1933 do *Almanaque da Parnaíba* em um artigo intitulado “Contrastes da natureza”, comparava os invernos de 1932 e 1926. Enquanto aquele primeiro foi marcado pela estiagem que flagelava o povo nordestino, na temporada invernos de 1926, se registrou os “excessos da invernia [...] um terço da área urbana da Parnaíba ficou ao sabor das águas e os pescadores lançavam linhas e tarrafas em plena praça de St. Antônio” (ALMANAQUE DA PARNAÍBA, 1933, p. 83; 85).

Considerações finais

Com base no que foi discutido, o fenômeno das enchentes na cidade de Parnaíba durante os anos 1970 eram não apenas naturais, mas também históricos e estavam no bojo

do debate sobre salubridade, pobreza e urbanidade. Muito embora os periódicos levassem em suas páginas o sofrimento dos subúrbios, foi a partir da análise destas fontes que tal retrato possuía limites, pois se constata que as enchentes atingiam também bairros elitizados, como centro e Nova Parnaíba. Desse modo, as enchentes não eram problemas apenas da pobreza citadina, mas de toda a malha urbana.

A pesquisa documentou as relações entre parnaibanos e a natureza urbana do município. As enchentes, não as chuvas, serviam para endossar as marcas e/ou estigmas destes lugares e dos suburbanos. Deixemos claro que as chuvas não eram um indicador do que era subúrbio ou não. O mais correto seria afirmar que as enchentes serviam para grifar a pobreza dos moradores desses lugares, enfatizando assim os espaços mais carentes da cidade. Se por um lado, a natureza, personalizada pelas enchentes do rio Igarapé, nos subúrbios era indomável, de outro, pode-se ver a ação humana de domar e construir a natureza em Parnaíba. O aterramento de lagoas e a construção de jardins em praças públicas atestam o sucesso da cultura e da civilização sobre o mundo natural.

Buscamos com este texto, contestar paradigmas da história local do município em questão, que abordam apenas o econômico e documentam a elite política e comercial de Parnaíba. Ao tocarmos na relação entre sujeitos e natureza, compreendemos as diversas experiências históricas e iluminamos outros espaços da cidade, que não o centro e/ou a moradia da elite. A interpretação destes eventos foi válida para, ainda, entender a dinâmica e os projetos em uma cidade na qual o turismo era uma experiência para um novo período de progresso econômico e social, bem como as contradições no interior destas concepções. Por fim, coincidentemente o ano de 2019 no litoral piauiense foi bastante forte, deixando em Parnaíba, famílias “desabrigadas e sem estrutura de subsistência digna” (DIÁRIO DO MUNICÍPIO DE PARNAÍBA, 2019, p. 1). Um pouco mais de quatro décadas depois e os velhos problemas urbanos parecem ainda não ter sido resolvidos. Neste sentido, a História contribui para o debate sobre o espaço urbano, seus usos e – quem sabe – na busca pela resolução destes, uma vez que, “ao recuperar a memória (ou memórias) dos desastres socioambientais, a pesquisa histórica aponta a contínua necessidade de medidas preventivas” (MATEUS, 2016, p. 128).

Referências

ALMANAQUE DA PARNAÍBA. Parnaíba, ano 4, 1927.

ALMANAQUE DA PARNAIBA. Parnaíba, ano 10, 1933.

ALMANAQUE DA PARNAIBA. Parnaíba, ano 21, 1944.

ALMANAQUE DA PARNAIBA. Parnaíba, ano 52, 1975.

ALMEIDA, Anita Correia Lima de. Chuva, lamaçal e inundação no Rio de Janeiro do século XIX: entre a providência divina e o poder público. *Revista do Arquivo Geral da Cidade do Rio de Janeiro*, Rio de Janeiro, n. 8, p. 117-134, 2014.

ARRAIS, Raimundo. História Ambiental em perspectiva: o urbano, o marítimo e suas espacialidades. Entrevista concedida aos membros da Equipe Editorial da revista Espacialidades. *Revista Espacialidades* [online], Natal, v. 7, n. 1, p. 312-318, 2014. Disponível em https://cchla.ufrn.br/espacialidades/v7n1/Espacialidades_v7n1_entrevista.pdf. Acesso em 03 mar. 2017.

BRESCIANE, Maria Stella. As sete portas da cidade. *Espaço e Debates*, São Paulo, n. 34, p. 10-14, 1991.

CERTEAU, Michel de. *A escrita da História*. Tradução de Maria de Lourdes Menezes. Ed. 2. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2010.

CORREIA, Lauro Andrade. Parnaíba – Duas Cidades. *Portal Costa Norte*. Disponível em <https://portalcostanorte.com/parnaiba-duas-cidades/>. Acessado em 19 jul. 2016.

CÓDIGO DE POSTURAS DO MUNICÍPIO DA PARNAÍBA. Parnaíba: Gráfica Americana, 1963.

DUARTE, Regina Horta. À sombra dos fícus: cidade e natureza em Belo Horizonte. *Ambiente & Sociedade*. Campinas, v. X, n. 2, p. 25-44, 2007. Disponível em <http://www.scielo.br/pdf/asoc/v10n2/a03v10n2.pdf>. Acesso em 19 jan. 2018.

DIÁRIO DO MUNICÍPIO DE PARNAIBA. Parnaíba. Decreto 225/2019. Disponível em <http://dom.parnaiba.pi.gov.br/assets/diarios/c093e00b09179c9c7c214def53f793d2.pdf>. Acessado em 10 abr. 2019.

ENCICLOPÉDIA DOS MUNICÍPIOS BRASILEIROS. Vol. III. Rio de Janeiro, IBGE, 1957.

FOLHA DO LITORAL. Parnaíba, edições de 1970 a 1980.

FONTINELES, Claudia Cristina da Silva. *O recinto do elogio da crítica: maneiras de durar de Alberto Silva na memória e na história do Piauí*. 2009. Tese (Doutorado em História). Centro de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2009.

JORNAL INOVAÇÃO, Parnaíba, número 2, jan. 1978

JORNAL INOVAÇÃO, Parnaíba, número 5, mar. 1978.

JORNAL INOVAÇÃO, Parnaíba, número 14, jan. 1979.

MATEUS, Elias Theodor. Calamidade pública em uma cidade submersa: a imprensa e a Enchente de 1974 (Tubarão - SC). *Revista Hydra*, Guarulhos, vol. 2, n. 2, p. 126-153, 2016. Disponível em <https://periodicos.unifesp.br/index.php/hydra/article/view/9129>. Acesso em 07 mai. 2017

MELO, Neuza Brito de Arêa Leão. *O Eclétismo Parnaibano: hibridismo e tradução cultural na paisagem da cidade na primeira metade do século XX*. 2011. Dissertação (Mestrado em História do Brasil). Centro de Ciências Humanas e Letras, Universidade Federal do Piauí, Teresina, 2011.

NORTE DO PIAUÍ, Parnaíba, edições de 1970 a 1978.

NUNES, Maria Cecília S. de Almeida. A Influência Britânica em Parnaíba-Pi In: ARAÚJO, Maria Mafalda Baldoino de; EUGÊNIO, João Kennedy (Orgs.). *Gente de longe: histórias e memórias*. Ed. 1. Teresina: Halley, 2006, p. 335-360.

PASSOS, Caio. *Parnaíba – Cada rua sua história*. Parnaíba: IOCE, 1982

REIS, Daniel Aarão. *Ditadura militar, esquerdas e sociedade*, Ed. 3. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2005.

SEDREZ, Lise; MAIA, Andrea Casa Nova. Apresentação In: *Revista do Arquivo Geral da Cidade do Rio de Janeiro*. N. 8, p.115, 2014.

_____, Lise; _____, Andrea Casa Nova. Enchentes que destroem, enchentes que constroem: natureza e memória da Cidade de Deus nas chuvas de 1966 e 1967 In: *Revista do Arquivo Geral da Cidade do Rio de Janeiro*. N. 8, p. 183-199, 2014.

SOLHA, Karina Toledo. Evolução do turismo no Brasil. REJOWSKI, Mirian (Org). *Turismo no Percurso do Tempo*. São Paulo: Aleph, 2002, p. 117-151.

RODRIGUES, Ísis Meireles. *Praça da Graça em Parnaíba: transformações urbanísticas durante o Regime Militar (1964-1985)*. 2014. Dissertação (Mestrado em História do Brasil). Centro de Ciências Humanas e Letras, Universidade Federal do Piauí, Teresina, 2014.

TAJRA, Jesus Elias; TAJRA FILHO, Jesus Elias. O comércio e a indústria no Piauí In: SANTANA, Raimundo Nonato Monteiro de (Org.) *Piauí: Formação, desenvolvimento, perspectivas*. Teresina: Halley, 1995, p. 133-158.

WILLIAMS, Raymond. *O campo e a cidade na história e na literatura*. Tradução de Paulo Henrique Britto. Ed.1. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.

WORSTER, Donald. Para fazer história ambiental. *Estudos Históricos*. Rio de Janeiro: vol. 4, n. 8, p. 198-215, 1991. Disponível em

<http://bibliotecadigital.fgv.br/ojs/index.php/reh/article/view/2324/1463>. Acesso em 23 set. 2015.

¹ Termo dado à Parnaíba e que constava nos jornais do período estudado. As fontes infelizmente não explicam seu significado, entretanto, encontramos no site “Portal Costa Norte”, um artigo do ex-prefeito de Parnaíba, Lauro Andrade Correia (1963-1966), o qual afirma que o epíteto “cidade invicta” foi alcançado pela cidade “quando os parnaibanos, todos estiveram unidos em 1943 na memorável Campanha Cívica pela manutenção do nome da cidade, pois decreto-lei federal estabeleceu que a nossa Parnaíba passava a ser denominado POTI, ficando a cidade Parnaíba, em São Paulo, com sua denominação conservada”. Para conferir o artigo na íntegra, acessar <https://portalcostanorte.com/parnaiba-duas-cidades/>. A referida campanha pela conservação do nome ao município piauiense pode ser vista no artigo especial publicado no *Almanaque da Parnaíba* de 1944, por Alarico da Cunha que categoricamente afirmava, “na revisão do quadro territorial do Brasil, pretende o governo [sic] da República evitar a repetição dos topônimos das cidades e vilas. Em vista dessa determinação legal, Parnaíba sentiu-se ameaçada de perder o seu nome secular, por estar provada que a sua homônima de São Paulo é mais antiga [...] A vetuste cidade bandeirante, que pode ser considerada um subúrbio da imponente capital paulista, é apenas um núcleo industrial, ofuscado pelo progresso das grandes cidades edificadas naquele florescente Estado da Federação brasileira; ao passo que a Parnaíba do Piauí, além de ser uma cidade litorânea e sede de Comarca desde 1833; é a mais comercial deste Estado e portadora de um nome de glória nos anais da Pátria”. CUNHA, Alarico da. O Nome de Parnaíba In: *Almanaque da Parnaíba*. Parnaíba, 1944, p. 237.

² Fundado em 1960 por João Batista da Silva, posteriormente ligado ao Movimento Democrático Brasileiro – MDB. Jornal simples, com poucas imagens - sendo a maioria destas, anúncios e fotos de políticos - contava com uma média de 6 páginas por edição. O *Folha do Litoral*, além dos colaboradores em Parnaíba, tinha correspondentes no Rio de Janeiro e em Fortaleza. Como consta em uma de suas páginas, os artigos assinados eram todos de responsabilidades de seus autores. A cada três dias uma nova edição era produzida.

³ O *Norte do Piauí* foi um jornal matutino fundado em 1963 por Mario Rodrigues Meireles. Na primeira metade dos anos 1970, seu proprietário foi vereador de Parnaíba pelo Aliança Renovadora Nacional – ARENA. O jornal foi redigido ainda por outro vereador, este filiado ao MDB.

⁴ Fundado em 1977 pelos jovens parnaibanos Francisco José Ribeiro e Reginaldo Ferreira da Costa, o alternativo tinha inicialmente a tiragem de 1000 exemplares mimeografados e circulava mensalmente. Suas primeiras edições tinham, em média, 20 páginas, e, ao longo do tempo, este número foi oscilando entre oito ou vinte páginas.

⁵ Revista anual editada, ininterruptamente até a década de 1980. Foi fundada pelo comerciante Benedicto Santos Lima, em 1923.

⁶ Muito embora esse título fosse largamente utilizado nas fontes hemerográfica, não encontramos informações oficiais que afirmassem a implantação de Parnaíba como “3º polo”. Imaginamos que tal epíteto funcionasse nos periódicos de maneira simbólica, isto é, agia como forma de trazer Parnaíba para o cerne das discussões sobre as mudanças que estavam sendo construídas no estado.

⁷ Jornalista e escritor, era oriundo de Viçosa do Ceará e foi membro da Academia Parnaibana de Letras.

⁸ Raimundo Ferraz Filho era jornalista e proprietário da Gráfica Americana. Colaborava para a imprensa parnaibana e para o *Folha do Litoral* desde sua fundação. Foi também presidente do Sindicato dos Jornalistas de Parnaíba.

⁹ Raimundo Fonseca Mendes nasceu no Maranhão e, em 1932, passou a morar em Parnaíba. Foi poeta, jornalista, escritor e locutor da Rádio Educadora de Parnaíba, além de ter sido eleito vereador pelo MDB em 1972. Para além do *Folha do Litoral*, escreveu para os jornais *O Norte* (1951, 1952) e *O Sino* (1956, 1957).

¹⁰ Outro título dado à Parnaíba.